

## "Se queres ser perfeito"



Queridos,  
escrevo esta carta de Pentecostes, enquanto em muitas comunidades de nossa Ordem, se prepara a reunião de nosso Sínodo sobre o tema, "Somos fiéis à nossa vocação?", estimulados por uma carta do Capítulo da Congregação Brasileira.

Nas comunidades de vários continentes que visitei nos últimos meses, vi que o diálogo a partir desta pergunta permite uma profunda troca de experiências, e faz crescer nas comunidades um renovado desejo de nos ajudar a viver fielmente o chamado que Deus, hoje, dirige a nós.

O Senhor continua a nos chamar das profundezas do nosso carisma plurissecular, como também através das vozes e testemunhos que, neste momento, renovam para nós o seu "Segue-me!".

O que representa a voz do Papa Francisco se não um convite de Cristo, para renovar a fidelidade à nossa vocação e missão? O Papa lembra a todos os consagrados que não é lícito distinguir entre a nossa vocação religiosa e o pedido de socorro que se eleva de todos os cantos da terra, desde as "periferias" geográficas, sociais, culturais e espirituais, as quais o homem moderno vagueia sem pátria, casa, família e amor, exposto a muitos egoísmos agressivos e sem escrúpulos, aquele dos poderosos, mas também aqueles que, como vírus invisível, passam para nossos corações, na nossa maneira de pensar e viver, de tratar as pessoas e coisas.

### **Não abandonar a pergunta**

A pergunta sobre a fidelidade à nossa vocação, como dizia, está trabalhando profundamente em tantos membros e comunidades da Ordem. Em um encontro com os jovens professos na Etiópia, um deles disse que esta pergunta o impediu de dormir à noite, de tanto que lhe provocava.

Para muitos, de fato, esta pergunta é como uma surpresa, porque não estamos mais acostumados a nos fazer, e nos fazer todos os dias. Sabemos que São Bernardo, como narra Guilherme de Saint-Thierry, "havia sempre no coração e muitas vezes nos lábios estas palavras: Bernardo, Bernardo, para que viestes?" (*Vita Prima* 1,4). Compreendia que somente mantendo viva esta pergunta era possível viver a vocação de forma correta, respondendo ao chamado do Senhor.

Porque é esta a infidelidade: continuar um caminho sem nos lembrar por quem estamos caminhando. Como Judas, que a partir de um determinado momento, caminhava com Jesus pelo dinheiro que tirava da caixa ou esperando que Jesus se tornasse o rei dos Judeus. A traição começa quando Cristo já não é mais a razão principal do nosso estar com Ele.

Hoje, questionamos mais facilmente a nossa vocação do que a nossa fidelidade à esta. Passar a vida se perguntando se realmente temos vocação pela qual nos comprometemos, é um exercício estéril, ao invés, nunca devemos nos cansar de perguntar se somos verdadeiramente fiéis e onde ainda é necessária a conversão para crescer nesta fidelidade, hoje.

Nenhum de nós, sabemos bem, é capaz de ser verdadeiramente fiel. Mas o importante é manter-se orientados a olhar e ouvir o Senhor, confiando mais em Sua fidelidade em nos chamar, que em nossa resposta à Ele. O importante é permanecer na escuta da Palavra de Deus, com o desejo de se deixar conduzir para onde o Senhor quiser nos levar.

As primeiras palavras da Regra de São Bento, "Escuta, filho!" (Pról. 1), definem toda a nossa vida como *vocação*. O chamado de Deus é uma palavra eterna, é o próprio Cristo, o Verbo do Pai. "Escutar" para nós significa viver animados pela voz de Deus, caminhar na luz de Sua presença, que nos chama. "Vossa palavra é um facho que ilumina os meus passos, luz para o meu caminho", diz o Salmo 118 (v. 105). Quando se percebe o chamado do Senhor, não é possível mais viver se não ouvindo a sua voz. Simão Pedro intuiu imediatamente quando disse a Jesus: "Mas sobre a tua palavra, lançarei as redes" (Lc 5,5). Isto permitiu à Jesus realizar uma pesca milagrosa, e isto para Pedro era símbolo da extrema fecundidade que teria sua vida caminhando *sobre a palavra* de Jesus, ouvindo Seu chamado. Também nós, cada um da maneira escolhida por Deus, faremos sempre a experiência de uma fecundidade misteriosa e maravilhosa de nossa existência, se constantemente renovamos a fidelidade do ouvir, aqui e agora, o Senhor que nos chama.

### **Chamados pela Beleza**

Ser chamado é sempre uma experiência de beleza, mesmo quando o Senhor nos chama a escolhas e renúncias, que aparentam mortificar a nossa vida. O jovem rico foi embora triste porque seu medo de renunciar às riquezas, traía a beleza extraordinária de Jesus, que o chamava olhando com amor (cf. Mc 10,21). A beleza chama, atrai. A nossa vocação é bela porque somos atraídos pela beleza de um Deus, que nos conhece pessoalmente, ao ponto de nos chamar pelo nome e ter um desígnio único que ninguém poderá realizar em nosso lugar; especialmente o desígnio por excelência de Deus, que é o desejo de ser amado por nós, como Ele nos ama.

No Prólogo da Regra, São Bento exulta de admiração pela beleza da nossa vocação: "O que poderia ser mais doce para nós, queridos irmãos, do que esta voz do Senhor, que nos convida?" (Pról. 19). É como se, no meio de um assunto sobre a vida monástica, São Bento tivesse parado, e levantando o olhar com o rosto radiante, exclamava em voz alta: "Que bela, irmãos, a nossa vocação! Como é bom ser chamado! Ou melhor: *convidados* por Deus para sermos Seu, para viver com Ele e por Ele, em uma vida que não é mais a que tínhamos pensado, mas uma nova vida, livre das amarras da nossa mesquinhez!"

E este chamado é uma *voz*. Não apenas uma palavra, que poderia também nos alcançar através de outras pessoas ou outros meios. É a voz do Senhor, é o próprio Senhor que nos fala, nos convida, fala pessoalmente à nossa liberdade de responder ou não, ao Seu desejo de nos dar vida.

São Bento convoca todos nós, chamando-nos "*fratres carissimi* – queridos irmãos", para compartilhar esta sua alegria, que é a alegria dos santos. O fato do Senhor chamar cada um, é uma alegria para todos, uma alegria a ser compartilhada, a fim de ser sempre maior. É a alegria do bom pastor, uma vez encontrada sua ovelha perdida, chama todos para festejarem juntos (cf. Lc 15,6). Mas para São Bento, a alegria é antes de tudo nossa, por termos sido encontrados por Cristo Bom Pastor. Quando Jesus nos chama, quando Sua voz nos alcança, pronunciando nosso nome, percebemos que nos encontrou, estávamos perdidos e Ele nos reencontrou, para dar um sentido e uma morada para nossa vida.

Já o batismo é este docíssimo chamado, em que a voz de Deus pronuncia nosso nome e nos convida a viver com Ele e para Ele no Seu Corpo, isto é, a Igreja. A vida de cada batizado é uma vida chamada por Deus, e cada específica vocação nos faz sentir, de maneira mais definida, a voz que dá sentido à nossa existência.

Mas a vocação, como diz Bento, é e permanece sempre um *convite*. Um convite não é um comando de partida para ir ao serviço militar. O convite é uma proposta feita à nossa liberdade. O convite é um mistério suspenso entre duas liberdades, porque Aquele que nos convida se expõe, desarmado, a liberdade do outro de aceitar ou rejeitar. Aquele que convida se coloca em uma posição de fraqueza, vulnerabilidade, diante do outro. Deus escolheu esta forma para nos chamar a corresponder a seu desígnio de amor, sobre nós e sobre todos. Por isso São Bento usa o termo "doce", para descrever a voz que nos chama. É sempre o Senhor "manso e humilde de coração" (Mt 11,29), que nos chama a segui-Lo.

Este amor humilde de Cristo que nos chama com carinho, é a beleza da nossa vocação. O próprio Jesus é a beleza da nossa vocação, de cada vocação cristã. Vivemos com fidelidade a nossa vocação, se a vivemos sob o constante fascínio da presença e da voz do Senhor. A verdadeira fidelidade é o reflexo da presença de Cristo, o eco de sua voz, a irradiação do seu amor em nossas pessoas, comunidades, e no próximo que encontramos.

A vocação é bela quando não perde o encanto que clama a Cristo: "Sois belo, o mais belo dos filhos dos homens. Expande-se a graça em vossos lábios" (Sl 44,3). O brilho da sua Face, a doce graça da sua Palavra, deveriam sempre ser a fonte viva e vivificante da nossa fidelidade. E o caminho da nossa vida, vivida seguindo seu chamado, torna-se então o poema, que canta a beleza de Cristo: "Transbordam palavras sublimes do meu coração. Ao rei dedico o meu canto. Minha língua é como o estilo de um ágil escriba" (Sl 44,2).

A beleza da nossa vocação é o reflexo, em nós e por meio de nós, da presença de Cristo que nos chama pelo nome. Por isso o poema que compomos para Ele, pode ser de uma única palavra, único olhar ou sorriso. A beleza de um único ato de amor. Como Maria Madalena que exclama: "*Rabbuni!*" (Jo 20,16), como Tomé que confessa: "Meu Senhor e meu Deus" (Jo 20,28), e João que proclama: "É o Senhor!" (Jo 21,7).

### **Deixar tudo por Ele**

Há realmente esta beleza em nós e em nossas comunidades? Somos fiéis à beleza da nossa vocação que é o próprio Cristo? Há em nós e entre nós, a alegria de ser chamado por Cristo e de segui-lo? Não somos como tantos "jovens ricos", no momento em que recusamos, com tristeza, deixar tudo por Jesus?

"Jesus fixou nele o olhar, amou-o e disse-lhe: 'Uma só coisa te falta; vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me.' Ele entristeceu-se com estas palavras e foi-se todo abatido, porque possuía muitos bens." (Mc 10,21-22)

Muitas vezes esquecemos que, entre o chamado de Cristo e o nosso seguimento, existe um espaço de liberdade. Quando entramos no mosteiro, como em qualquer outra vocação, ainda não estamos seguindo de fato Jesus, pois ainda não deixamos tudo por Ele. Porém, nos comportamos como se a renúncia por Ele fosse completa, uma vez que entramos ou fazemos a Profissão, e assim pretendemos segui-Lo sem mais nos preocupar em vender o que temos para dar aos pobres. Talvez realmente deixamos todos os bens que tínhamos, mas não nos preocupamos em deixar também os bens encontrados ou recebidos no mosteiro, muitas vezes maiores do que tínhamos. Acreditamos em poder viver a nossa vocação, sem renunciar a mais nada.

Na verdade, todos os chamados por Ele, permanecerão até o fim, sob o olhar cheio de amor de Cristo, que constantemente nos repete em todas as oportunidades: "Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá-os aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me!" (Mt 19,21).

Cristo pede essencialmente este discernimento vocacional: a disponibilidade de renunciar por Ele. Após duas parábolas sobre o prudente cálculo dos meios necessários, para concluir a construção de uma torre ou para vencer uma guerra, Jesus surpreende a todos dizendo aquilo que precisamos "calcular" para sermos seus discípulos, ou seja, a disponibilidade de renunciar a todos os nossos bens (cf. Lc 14,25-33).

Não nos pede isto São Bento? Mas é como nos acostumássemos a ler a Regra censurando as suas exigências. Como se São Bento não pedisse mais para educarmos a nossa vontade de amar, através da disciplina da obediência e do serviço fraterno. Como se não pedisse para limitar a posse e o uso dos bens ao necessário, pensando em primeiro lugar nos pobres. Como se não pedisse para disciplinar os contatos externos, também através dos meios de comunicação atuais, com sincera transparência. Como se não pedisse para educar a palavra com o silêncio e a escuta. Como se não insistisse sobre a necessidade de ser fiel aos tempos e lugares de oração, para crescer na relação com Deus. Como se não dissesse que o descanso e o sono estão a serviço da vigilância na oração, e que os alimentos e bebidas não devem apagar a fome e a sede da Palavra de Deus. Também o trabalho, para São Bento, não deve ter finalidade em si mesmo, mas se torna fecundo se aprendemos a parar para o Ofício Divino. Toda a Regra na verdade, nos acompanha em um caminho sempre mais livre de renúncia a tudo, para seguir Jesus.

Pois bem, admitamos!, é precisamente sobre esta renúncia de permitir somente a Cristo realizar a nossa vida, que estamos em crise. E a partir disto surge a tristeza do jovem rico do Evangelho, como a nossa.

## **Reparar as ruínas**

Nas últimas semanas, tive várias ocasiões de conversar com outros superiores, sobre as graves infidelidades que surgem em algumas comunidades da Ordem. Estas infidelidades são muitas vezes o resultado extremo, às vezes trágico, da rejeição de viver a nossa vocação, aceitando renunciar por Cristo, aos bens, sentimentos, aos próprios planos, comodidades, orgulho. E falando com estes superiores, nascia em nós como uma consciência de que chegou o momento de assumir, todos juntos, a responsabilidade por esta situação. Se na família existem doentes graves ou membros que se perdem ou corrompem, não é possível ficar como expectador ou olhar com indiferença.

Mas como nos ajudar?

Cristo não pede além ou mais daquilo nos chamou: a renúncia de nós mesmos e tudo para Ele. É exatamente isto que repara e reconstrói a nossa casa, a Ordem, a Igreja, e também a sociedade em ruína.

Quando Pedro O renegou, Jesus voltou-se para olhá-lo (Lc 22,61). Como foi este olhar? Certamente foi o mesmo olhar com o qual Jesus fixou e olhou, amou e chamou o jovem rico. E no olhar do Senhor, Pedro viu que para reparar a sua infidelidade,

Jesus ia em direção a morte na cruz, Jesus renunciava a tudo por ele, Pedro, e por todos. A renúncia, quando é verdadeira, é um vazio que o Espírito Santo enche de caridade, e a caridade restaura tudo, repara tudo, reedifica tudo.

A renúncia para corresponder ao amor de Cristo nunca é negativa, não é uma diminuição, porque abre ao dom da liberdade de amar, de dar vida. É esta a perfeição, a realização de toda a vida e vocação. Quantos belos testemunhos encontramos, graças a Deus, na Ordem e na Igreja! Renunciar por Cristo, sempre significa diminuir para crescer, privar para possuir, morrer para viver. Jesus nunca nos pede para renunciar se não for para preferi-lo, o Senhor da vida. Quando Cristo pediu ao jovem rico para vender tudo e dar aos pobres, pediu-lhe para atraí-lo totalmente a Si, porque dar tudo aos pobres não era apenas uma condição para aderir a Cristo: já era adesão à Ele, pois tudo o que fazemos aos pobres fazemos a Ele, como dirá a parábola do juízo final em Mateus 25,31-46.

Eis, queridos irmãos e irmãs, que a Ordem tem uma urgente necessidade de reencontrar esta liberdade, amor, adesão real a Cristo. Seja este o ideal que propomos e formamos os jovens. Precisamos de pessoas e comunidades que se decidam pelo caminho de conversão, de uma *conversatio morum*, que responda dia após dia com alegria a esta questão, de deixar tudo por Cristo.

Certamente é impossível deixar realmente tudo. Mas o importante é ter a consciência pessoal e comunitária, essencial para nossa vocação andar em um caminho de renúncia a nós mesmos que nunca termina, e que permanece sempre diante de nós como o ideal vocacional, porque o ideal é Jesus que por amor do nosso amor nos pede este sacrifício, de carregar esta cruz, para nos deixar sempre ser tomados por Ele e para Ele. São Pedro, que embora tenha deixado tudo desde o princípio para seguir Jesus, precisou entender que a renúncia nunca era perfeita, e a realizaria somente no momento da morte: "Quando fores velho, estenderás as tuas mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres. Por estas palavras, ele indicava o gênero de morte com que havia de glorificar a Deus" (Jo 21,18b-19a). Após estas palavras, Jesus disse a Pedro: "Segue-me!" (21,19b). Pedro compreendeu, que seguir Jesus significava consagrar cada momento de sua vida para se preparar a esta doação total, e livremente estender as mãos para receber a graça de ser tomado, indo além dos limites da própria vontade e liberdade. Quantos mártires hoje nos dão este testemunho!

Para reparar a nossa Casa, não é necessário recorrer a gestos e orações extraordinárias. É suficiente que cada um ofereça a humilde fidelidade quotidiana, ao dar a Cristo a renúncia de nós mesmos para amá-Lo, renúncia que Ele mendiga de nós com seu amor. E os monges e monjas mais frágeis, as comunidades mais precárias, por número, idade, enfermidade, são aquelas que melhor podem contribuir para esta renovação. Precisamos que estendam as mãos para todos, deixando-se tomar pela renúncia que purifica tantos desejos mundanos de poder, sucesso, admiração, para que a Ordem realmente glorifique a Deus e não a si mesma.

Desejamos glorificar a Deus somente com nossas vidas, e Ele em vez, se faz glorificar com a nossa morte (cf. Jo 21,19). Porque em Cristo, a verdadeira vida é a ressurreição d'Aquele que morreu por nós. Não nos preocupemos de pedir a Deus muitas vocações: peçamos *apenas uma vocação*, a nossa, aquela da nossa comunidade e da Ordem, a vocação à qual Cristo nos convida, e que a vivamos em uma beleza esponsal, de deixar tudo por Ele, cujo modelo perfeito é a Virgem Maria.

### **Vem Pai dos pobres**

Proponho a todos, à luz do mistério de Pentecostes, de se deixar habitar pelo olhar amoroso e mendicante de Jesus, enquanto nos diz e repete todos os dias: "Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá-os aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me!" (Mt 19,21), para oferecer a Deus e aos nossos irmãos e irmãs, uma vida que visa constantemente o desejo de dar-Lhe tudo, mesmo se isto é impossível sem o dom do Espírito.

O Espírito Santo arde do desejo de nos libertar de tudo o que não corresponde ao Senhor, que nos chama. Quer nos liberar da tristeza, de não saber deixar tudo por Ele. E por isso, São Bento nos convida a viver as renúncias quaresmais "*cum gaudio Sancti Spiritus* – na alegria do Espírito Santo" (RB 49,6). O Espírito é a alegria divina de doar-se completamente pelos outros. A alegria do Magnificat de Maria depois de ser consagrada totalmente ao Senhor e em servir as necessidades de Isabel.

Sei que na Ordem, muitos como eu, rezam frequentemente a sequência de Pentecostes, *Veni Sancte Spiritus*, para abrir a si mesmo e os outros ao Paráclito, ao "Pai dos pobres", para que venha a renovar e reavivar tudo o que está afadigado, triste, sujo, árido, ferido, corrompido, e para que já sentamos o "*perenne gaudium*" de seguir a Cristo, com toda a vida. Esta oração nos anuncia o poder do Espírito Santo de sempre intervir em nossas fraquezas e fragilidades, mesmo as culpáveis, se humildemente as apresentamos. Nossas misérias são as mãos vazias, que Deus ama ver abertas diante Dele, mesmo se sujas e tremulas, para preencher da novidade, que sempre brota de Sua graça. Necessitamos, mais do que nunca, de sentirmos unidos neste gesto de súplica e humilde acolhimento, cheio de fé e esperança, para sermos preenchidos pela beleza mais aperfeiçoada da nossa vocação: a caridade!

Abraço-vos fraternalmente,



Ir. Mauro-Giuseppe Lepori  
Abade Geral OCist